



- Leitor crítico — Jovem Adulto
- Leitor crítico — 7ª e 8ª séries
- Leitor fluente — 5ª e 6ª séries

CARLOS QUEIROZ TELLES

A cama que sonhava

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega
Elaboração: Rosane Pamplona, Eliane Couto

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço móvel, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações

interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos lingüísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero:
Palavras-chave:
Áreas envolvidas:
Temas transversais:
Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

F nas tramas do texto

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

F nas telas do cinema

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

F nas ondas do som

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

F nos enredos do real

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

w do mesmo autor;
w sobre o mesmo assunto e gênero;
w leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.



CARLOS QUEIROZ TELLES

A cama que sonhava

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Poeta e dramaturgo, Carlos Queiroz Telles nasceu em março de 1936, em São Paulo. Na Faculdade de Direito da USP, onde se formou, participou da fundação do Grupo de Teatro Oficina, que estreou com a peça *A ponte*, de sua autoria. De 1957 a 1973 trabalhou em publicidade, nas áreas de criação e planejamento, e em jornalismo. Dedicou-se nos anos seguintes ao magistério, como professor titular de redação da Faculdade de Comunicação da FAAP, e à criação de programas para televisão. De 1977 a 1986, foi diretor da TV Cultura de São Paulo e conselheiro de programação do SINRED — Sistema Nacional de Rádio e Televisão Educativas. Tem 53 obras editadas e mais de duas dezenas de peças teatrais encenadas no Brasil. No exterior, seus textos *Muro de Arrimo* e *Marly Emboaba*, com traduções em aproximadamente doze idiomas, já foram encenados profissionalmente em mais de vinte países. Pelos seus trabalhos, recebeu, entre outros, os prêmios Molière (1972 e 1975), Arthur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras (1972), APCA — Associação

Paulista dos Críticos de Arte (1972, 73, 75, 77, 81, 84, 88, 92), Jabuti (1991) e Oswald de Andrade (1990). Sobre sua obra, em 1984, o professor Marco Antonio Guerra defendeu tese de mestrado na Escola de Comunicações e Artes da USP. Carlos Queiroz Telles foi conselheiro do Museu Lasar Segall. Faleceu em 17 de fevereiro de 1993, no momento mais criativo de sua carreira.

RESENHA

O menino Tônico mora na praia de Caravelas, num casarão herdado de sua família açoriana, que ali se instalou em 1730. Agora, dois séculos e meio depois, o pai de Tônico está na iminência de perder a propriedade para um banco. O menino desconfia que por trás do negócio estão os descendentes de um famoso pirata francês que teria escondido seu tesouro naquela região. Procurando uma pista, Tônico vai ao porão, onde acaba dormindo numa cama encantada, que o leva de volta ao passado e o faz encontrar-se, sucessivamente, com o avô criança, com a avó do

seu avô, e assim por diante, até a geração que construiu a casa e conheceu o pirata. Por meio das pistas que vão surgindo, Tónico deslinda a trama e descobre onde está o tesouro. Quando desperta, avisa os pais e, juntos, salvam a propriedade.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Esta é uma fantástica aventura no tempo, narrada com graça e leveza pelo autor, que confessa estar ligado de maneira especial a esta obra que resgata, de certa forma, a história de sua ascendência açoriana. É um convite a um sonho, a um *acredite-se-quiser*, que nos leva de volta ao passado, ao tempo dos corsários e piratas, dos tesouros e mistérios. E é também a história de um menino solidário, que não mede limites para ajudar a família numa grave circunstância.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: novela

Palavras-chave: solidariedade familiar, aventura, tesouro, pirata, volta ao passado

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História

Temas transversais: Ética

Público-alvo: alunos de 5ª e 6ª séries do Ensino Fundamental

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Estabeleça com seus alunos a relação entre o título e a ilustração da capa. No título, o autor substitui a pessoa que sonha pela cama. O que autoriza a substituição? Como o desenho da capa funde também os dois elementos do título? De que maneira a imagem cria expectativas a respeito da temática do sonho?

2. Leia com os alunos a introdução do livro: Desafio. Peça que relacionem o que o autor escreveu com o título e imaginem que tipo de história vão ler.

Durante a leitura

Muitas personagens — representantes das várias gerações da família de Tónico — vão participar da história. Peça que listem seus nomes, escrevendo ao lado de que época eram e que grau de parentesco tinham com o protagonista.

Depois da leitura

F nas tramas do texto

1. Peça que os alunos relacionem os diferentes encontros que Tónico teve com representantes das várias gerações de sua família. Qual a importância de cada um deles para o desenvolvimento da narrativa?

2. Pergunte aos alunos o que nessa história poderia ser real e o que só aconteceria no reino da ficção. Remeta à introdução do autor. Pergunte por que ele a chamou de “desafio”.

3. Verifique se seus alunos relacionaram a fuga dos pais de Maria para os Açores à perseguição aos judeus e se eles entenderam por que o candelabro era um objeto perigoso.

F nas telas do cinema

A fortuna de Cookie, dirigido por Robert Altman e distribuído pela Top Tape. Histórias de piratas e tesouros não faltam no mundo do cinema; também não faltam histórias de heranças. Nesse filme, os alunos vão se divertir com as confusões em torno da fortuna deixada por uma velha senhora.

F nos enredos do real

1. As aventuras de Tónico acabaram fazendo com que ele conhecesse seus antepassados. Pergunte aos alunos quem conhece os seus. Sugira que pesquisem com a família e construam a sua árvore genealógica.

2. Um longo caminho era percorrido pela prata que acabava nas mãos do pirata Le Coq Fou. Oriente a representação deste percurso pela elaboração de um mapa que deverá retratar:

- o continente americano e a Europa;
- os domínios espanhóis e portugueses na América com cores diferentes;
- o caminho (Minas do Peru — São Paulo / Araçoiaba da Serra — litoral / São Vicente e Paraty).

3. Sobre o percurso da valiosa prata o narrador afirma em determinado momento: *Toda a operação era feita no maior segredo... Afinal, contrabando é contrabando.*

Oriente junto aos alunos uma pesquisa para descobrir por que o comércio da prata era ilegal.

4. A Coroa Portuguesa corria o risco de perder seus domínios na América, caso não a ocupasse. Foi por essa razão que o rei de Portugal incentivou a vinda de casais açorianos para o Brasil. Sobre essa questão, oriente:

- a localização no mapa da ilha portuguesa de Açores;
- a pesquisa sobre as seguintes questões:
 - a. Que incentivos eram ofertados para atrair a vinda dos colonos?
 - b. Qual a região ocupada pelos colonos açorianos?
 - c. Que cidades foram por eles fundadas?

5. Beto, o avô de Tônico, não conhecia cinema nem automóvel. Proponha que os alunos imaginem um encontro com seus avós quando estes eram crianças e que elaborem uma lista dos objetos ou invenções que poderiam deixá-los pasmos.

6. Entre os vários fatos históricos que sustentam a trama, está a existência de piratas na costa brasileira. Mas Le Coq Fou terá mesmo existido? Proponha uma pesquisa sobre antigos piratas ou corsários.

7. *Além da prata do Potosí, havia ouro das Gerais e dos Martírios, diamantes da Chapada*

e esmeraldas dos Goyases. São lendárias as minas de ouro e pedras preciosas do Brasil. Algumas delas até hoje enriquecem alguns.

- a. Proponha uma pesquisa sobre os mais importantes sítios mineralógicos do Brasil.
- b. Estenda a atividade, organizando com a classe uma exposição de pedras brasileiras.

8. Retome a história da Maria, da família de cristãos-novos. Proponha uma pesquisa sobre esse importante fato histórico, que foi a conversão de judeus ao Cristianismo para escapar às diversas perseguições que sofreram ao longo da História.

DICAS DE LEITURA

w do mesmo autor

Sonhos, grilos e paixões — São Paulo, Moderna

Sementes de sol — São Paulo, Moderna

w sobre o mesmo assunto

Posso te dar meu coração? — Ganymédes José, São Paulo, Moderna

Era uma vez um pirata holandês — José M. Monteiro, São Paulo, Ática

Vida ingrata de pirata — José M. Monteiro, São Paulo, Ática

w leitura de desafio

A ilha do tesouro — Robert Louis Stevenson, São Paulo, Ática

Trata-se de um clássico da literatura de aventuras. Prepare seus alunos para destemidos aventureiros cruzando os mares, buscando tesouros e enfrentando, é claro, piratas traiçoeiros.